

Perspectiva educacional contemporânea: Exito ou fracasso docente?



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.008-028>

Cidnei Amaral de Mello

SEMED-Secretária Municipal de Educação de Campo Grande/MS.

E-mail: cidneiamaralmello@gmail.com

Maira Cristiane Benites

SEMED-Secretária Municipal de Educação de Campo Grande/MS.

E-mail: mairacris76@gmail.com

RESUMO

Este artigo traz a reflexão sobre a formação docente diante de uma sociedade interconectada, onde a informação se faz de forma imediata, atingindo os mais diferentes grupos comunitários, induzindo diretamente e abruptamente a Educação Escolar. Durante a formação docente este não recebe na maioria das vezes a aprendizagem de como trabalhar com tantos desafios, com a incerteza e o inesperado, que são consequências da atualidade, e muitas vezes sua função profissional mascarada por situações que envolvem o discente exige que o professor tenha uma atuação com multitarefas. As diferenças culturais e familiares que são despejadas na escola, terminam por incitar sob o trabalho

docente um anovelado de situações que sobressai a suas atribuições primordiais, o de ensinar, o que gera um excesso de sobrecarga no exercício da profissão e além de inúmeras cobranças. A comunidade escolar por sua vez, parece olvidar que o trabalho docente tem como instrumento o ser humano, o que torna a ato pedagógico intrincado, pois se faz imprescindível acolher vários alunos em sua integralidade e não apenas nas questões pedagógicas, entendendo que outras questões como as emocionais estão diretamente ligadas à aprendizagem. Apresentamos aqui através de revisão bibliográfica esta análise com caráter descritivo-analítico, que envolveu coleta, sistematização de relatos produzidos com esta temática e foi observada a tamanha discrepância e com um mundo tecnológico, ainda o docente precisa concorrer por sua vez adoece, sem perceber e sem ter um suporte necessário para lidar com tantas circunstâncias adversas, onde a tecnologia devia ser tratada como sua aliada e uma ferramenta de diversificação metodológica, mas está acarretando dificuldades na realização do seu trabalho árduo e diário.

Palavras-chave: Educação, Formação de Professores, Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

A formação docente é tema de diversos debates e pesquisas, e nunca foi algo tão necessário diante do cenário que o professor encontra em seu trabalho. Lembrar que o docente tem como material de trabalho o ser humano, deve ser motivo de reflexão sobre quais seriam os requisitos básicos para um profissional que atua com a subjetividade e singularidade de indivíduos.

Diante de tantos desafios, o docente na atualidade tem muitas vezes sua função profissional mascarada por situações que envolvem o discente e exige do professor uma atuação multitarefas. As culturas familiares que desembocam na escola, terminam por criar sob o trabalho docente um emaranhado de acontecimentos que termina por anteceder seu papel primordial, o de ensinar, o que põe sobre o docente uma sobrecarga de cobranças.



Dentre todas as profissões a docência tem a seu dispor, dentro de uma sala de aula, vários indivíduos que recebem informações curriculares, porém ainda assim tendo que se considerar suas diferenças culturais e de desenvolvimento. Enquanto o docente está há trabalhar com vinte, trinta, quarenta indivíduos ao mesmo tempo, as demais profissões como advogados, médicos, tem seu trabalho limitado ao um para um.

Deve-se considerar ainda que os discentes na atualidade, em sua maioria, possuem acesso à informação instantânea e estão interligados a rede mundial de computadores, através da internet, no uso das tecnologias, que podem ser positivas, assim como se utilizada sem seletividade pode ainda deixar o trabalho docente mais complexo.

Mas não seria dentre todas as profissões a docência de grande importância para a formação educacional do ser e sua constituição enquanto cidadão, consciente de seus deveres e direitos? Seria este o caso de um número reduzido de discentes para que o professor desta forma pudesse compreender melhor seu material de trabalho e assim contribuir para seu melhor desenvolvimento?

Deve-se ainda refletir que o docente, muitas vezes, não tem a dimensão exata do seu trabalho e quais os resultados, visto que o aluno fica com o mesmo professor por apenas um ano letivo, não sendo possível ao docente acompanhar o desenvolvimento deste ao longo da vida.

Busca-se então nesse artigo através de pesquisa bibliográfica trazer a reflexão sobre a abordagem atual entre o professor e esta nova demanda, considerando ainda o acesso à informação e as tecnologias como parte de um processo, onde o docente necessita ter conectividade com os interesses de seus alunos e suas especificidades.

2 SOCIEDADE DIGITAL: O NOVO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO EDUCACIONAL

Vivemos na era digital. Tudo envolve tecnologia e informação. O conhecimento e o acesso tanto a tecnologia quanto a informação, nunca foi tão instantâneo. A globalização tem afetado o modo de estruturar a educação escolar e de desenvolver o trabalho docente. Dando a impressão de que “todos” tem acesso as informações no mesmo tempo e da mesma forma. Nesse processo, que ocorre em todo o mundo, está a revolução científico-tecnológica, cujos reflexos também se notam nas salas de aula e traz ao trabalho docente um aglomerado de questionamentos e incertezas. (MOREIRA & KRAMER, 2007).

Quando consideramos LÉVY:

Em geral me consideram um otimista. Estão certos. Meu otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 1997, p. 9)



O fato de que o acesso as tecnologias digitais e a internet, contribuem com a globalização, deixou a percepção de que as tecnologias digitais seriam a “tábua de salvação” para a sociedade e o planeta, porém constatamos, como nos mostra Lévy, que as TIC não devem ser consideradas como a solução de todos os problemas da sociedade global, mas como uma ferramenta que pode contribuir com tal processo, quando utilizada com um objetivo construtivo.

O professor em muitas situações fica entre o tecnólogo do ensino e o ser agente social (VEIGA & AMARAL, 2006). Por vezes tendo seu papel agregado a outros e comportando-se como um profissional multitarefas, diante do mar de informações e de tecnologias, que estão cada vez mais acessíveis, o professor torna-se hora um mero agente que opera a tecnologia e hora um profissional capaz de transformar a sociedade, contribuindo para a mediação do conhecimento e buscando que seu alunado se torne protagonista de sua própria história, utilizando a tecnologia e o acesso as informações a seu favor, como ferramenta de instrumentalização e transformação.

Diante desta sociedade digital e globalizada, tem-se uma percepção de uniformização do acesso à tecnologia, como se as melhores e mais modernas tecnologias fossem de acesso a todos, em todos os lugares do planeta, com a mesma qualidade e a mesma clareza. O que claramente associar a educação com vários aspectos, dentre eles a pobreza. (BARRETO, 2011).

De acordo com BARRETO:

“...as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) têm sido recontextualizadas nas políticas e nas práticas educacionais, especialmente no que se refere aos “pobres” nos países periféricos. Por meio de uma análise crítica de discurso, visa captar as relações dialéticas entre a dimensão simbólica e a material, mediada pela imaginária. Inclui, também, pistas para redimensionar a leitura e as outras práticas de linguagem desenvolvidas nas salas de aula, no sentido de superar a perspectiva hegemônica da substituição tecnológica.” (BARRETO, 2011, pag. 349).

A reflexão proposta acima nos faz pensar se a tecnologia e a informação distribuída em torno do globo seriam iguais, desconsiderando países subdesenvolvidos, em desenvolvimento e desenvolvidos. Partindo desse pressuposto entendemos que também dentro das escolas as tecnologias deveriam ser distribuídas de maneira uniforme com padrão de qualidade, tanto no acesso como no equipamento, levando a globalização para todos.

Claro que isso não acontece exatamente desta maneira. Barreto (2011) nos esclarece que, à inclusão-exclusão em série, indo da digital à social, como se o mercado comportasse exterioridade e se a inclusão não fosse forçada por esta ausência. Por outro lado, mesmo que o pressuposto da existência dos excluídos seja aceito, é como se fosse possível e até mesmo simples passar de um polo ao outro.

Entendendo que socialmente existe a inclusão- exclusão, como ela não aconteceria com a digital. Cenário este que vemos com clareza dentro das escolas, podemos pensar na realidade vivida dentro das escolas, onde em muitos casos cada computador é dividido entre dois ou três alunos, sendo que de acordo com BARRETO, 2011: “um computador para cada um poderia funcionar como



trampolim necessário aos saltos”, o que certamente traria qualidade ao uso das TIC e contribuiria com um melhor desenvolvimento do educando.

Considerando MOREIRA & KRAMER:

“Muitas reformas curriculares se referem à escola por meio de modelos, desenhos e políticas centralmente definidos, supondo que é possível mudar à força o real, com decretos, projetos, referenciais ou parâmetros, sem mudar condições e práticas e sem envolver os atores do processo” (MOREIRA; KRAMER, 2007, p. 1054).

Percebe-se que dentro do citado as questões de reformas curriculares e o acesso à tecnologia são universalizados e definidos como parâmetros a serem seguidos em todas as regiões independentemente da localização geográfica e situação da comunidade local, mas ocorrem variações que por muitas vezes termina por excluir indivíduos como se não fosse permitido a eles ter as mesmas oportunidades que os outros.

Preto & Pinto (2006, p.21) traz com clareza que o indivíduo se sente muitas vezes interligado com o restante do planeta, apenas por saber o que ocorreu do outro lado do globo, porém esse sentimento traz uma falsa sensação de inclusão. Os diversos tipos de mídia por sua vez contribuem com que esse sentimento se propague, levando a impressão que “todos somos iguais”.

Esse movimento das tecnologias digitais e da informação, por sua vez traz uma “perspectiva consumidora”, refletindo em todos os seguimentos, incluindo-se educação e cultura, valorizando a atuação individual do ser. (PRETO & PINTO, 2006).

Temos então uma construção individualista onde o indivíduo não precisaria de ninguém ou de nenhuma fonte mediadora, podendo aqui considerar o papel do professor, para alavancar seus conhecimentos, pois através de recursos digitais, ele acessaria o que necessitasse a qualquer tempo e hora, tendo o mundo em suas mãos.

Precisamos então refletir sobre esse novo professor para esta nova educação, considerando que os desafios são muitos e que em muitas vezes o docente necessita colocar-se no lugar do discente para compreender melhor sua realidade e quais ferramentas estão influenciando seu comportamento e, portanto, aprendizagem.

3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES, TECNOLOGIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Temos um cenário educacional completamente diferente, devido ao uso dos recursos digitais como foi explanado anteriormente. O docente por sua vez necessita ter uma formação que dê a ele subsídios para que consiga compreender melhor a atender uma demanda crescente de indivíduos que mesmo de forma precária, tem acesso a tecnologias digitais e fazem uso desse acesso para padronizar comportamentos e conceitos, o que influi de forma direta no trabalho docente.



Imbernóm (2004) nos traz que “conceito de profissão não é neutro, nem científico. É ideológico e contextual, portanto, ser um profissional da educação de agora em diante significará participar na emancipação das pessoas”. Vê-se claramente que na atualidade o “ser professor” envolve competências e habilidades que terminam não sendo estabelecidas, devido à complexidade da atuação.

Para VEIGA (2008):

“No sentido formal, a docência é o trabalho dos professores, o conjunto de funções que ultrapassam a tarefa de ministrar aulas. As funções formativas convencionais, como ter um bom conhecimento sobre a disciplina e sobre como explicá-la, foram tornando-se mais complexas com o tempo e com o surgimento de novas condições de trabalho.”

Pelos dois autores expostos percebe-se a complexidade da atividade docente exige uma formação que contemple os novos moldes em que a escola está inserida, assim como sua clientela e a diversidade que envolve a composição de um aluno com olhares atentos e mentes inquietas, estimulados pelo acesso as tecnologias digitais, onde por sua vez os leva ao mundo da internet, interligando pessoas de todo o globo e disseminando formas diferentes de vivências, comportamentos e valores.

Devemos considerar também que formação dos professores tem se tornado produto mercantilista e empresarial (DINIZ-PEREIRA, 2015). Vários cursos de Licenciatura são oferecidos, contribuindo para um cenário de simplificação da formação docente, como se fosse algo a ser tratado por um manual de instruções. Claro que se deve considerar os cursos que são oferecidos com o compromisso de realmente contribuir com a formação docente, não podemos generalizar, tudo dependo das escolhas realizadas pelo futuro professor.

Considerando a história da formação docente, NOVÓA (1992) nos informa que:

“O professorado constituiu-se em profissão graças à intervenção e ao enquadramento do Estado, que substituiu a Igreja como entidade de tutela do ensino. Esta mudança complexa no controlo da acção docente adquiriu contornos muito específicos em Portugal, devido à precocidade das dinâmicas de centralização do ensino e de funcionarização do professorado.”

Percebe-se então que as transformações sobre a docência são anteriores a todo esse movimento tecnológico, porém não deixaram de se constituir um desafio em preparar um profissional para lidar com o recurso humano como ferramenta de trabalho, tendo como fundo as incertezas e muitas vezes a falta de recursos materiais necessários ao seu trabalho.

O uso das tecnologias como já visto não deve ser pensado como uma tábua de salvação, mas sim como uma ferramenta que pode contribuir com o trabalho docente. Este novo professor para estes novos tempos, deve por sua vez ter como parceira de seu trabalho as tecnologias digitais, que influenciam seus alunos de todas as formas e maneiras.



Pensar em uma aula que envolva os alunos e desperte neles a vontade de continuar dentro dos muros da escola é um desafio quando se considera as condições de desigualdade encontrada nos diversos cantos do país, onde muitas vezes o acesso à internet é precário ou não existe.

Nas palavras de FREIRE (2001, p.80):

[...] um dos programas prioritários em que estou profundamente empenhado é o de formação permanente dos educadores, por entender que os educadores necessitam de uma prática político-pedagógica séria e competente que responda à nova fisionomia da escola que se busca construir. (FREIRE, 2001, p. 80).

A formação do professor tem permeado o centro de discussões e debates, principalmente quando se traz em questão a diversidade de material de trabalho que este professorado recebe, assim como as culturas familiares e das diferentes comunidades as quais compõem a escola.

Cunha (1999, p.27) nos traz que a formação do professor está sempre em xeque, devido as novas demandas e desafios que fazem parte de sua atuação, influenciadas estas condições pela época, as transferências realizadas pela família para a escola e a lógica produtiva do mercado, que termina influenciando até mesmo a cultura.

Uma preocupação mercadológica com o saber fazer e não o saber ser e conviver, tem refletido nas condições em que o professor deve trabalhar com seus alunos, onde os valores e a ética, na maioria das vezes, são substituídos pelo saber fazer e executar, sem se questionar o processo e entendê-lo.

Todo esse cenário faz com o docente esteja sempre à procura de novas práticas pedagógicas que sejam capazes de atender a uma multiplicidade cultural e com os recursos digitais, que por sua vez provocam mudanças rápidas e propagam novas ideias ou modelos para indivíduos que muitas vezes, não estão preparados para refletir sobre os recursos dos quais dispõe e qual seria a melhor maneira de utilizá-los e aplicá-los no seu dia a dia de forma a contribuir com seu desenvolvimento e consequentemente alicerçar seu conhecimento em bases sólidas, que subsidiariam a continuidade da construção deste conhecimento, que faz com que o ser humano esteja sempre inacabado e em constante mutação.

Na busca por práticas pedagógicas que consolidem sua atuação e alcancem seus alunos o professor procura diversos caminhos e também tende a superar-se todos os dias, modificando suas estruturas, num ir e vir constante, onde tudo, todos os dias, está diferente, mudado. Sobre estas mudanças HAGEMEYER (2014, p. 437) nos põe a refletir:

“Com a mundialização dos mercados e a evolução das tecnologias, o mundo assistiu à reordenação do capitalismo em escala planetária e ao desenvolvimento dos mecanismos de comunicação de massa como a computação gráfica, cinematográfica e televisiva, capazes de criar fantásticas realidades imaginárias e formas atraentes de lazer virtual. Tais mecanismos exercem poder significativo em mentes, valores, atitudes e interesses de crianças e jovens nas escolas, e são coadjuvantes da aquisição dos conhecimentos científicos, artísticos e informativos a que terão acesso na escolarização pela mediação dos professores.”



Os diferentes cenários onde o professor deve atuar convida a uma reflexão sobre a formação docente e qual seriam suas competências, diante de tanta diversidade. BERGMANN & SILVA (2013, p. 1006), nos chama atenção para esse processo reflexivo:

“Como pesquisadoras, assumimos uma visão ontológica relativista, na medida em que acreditamos que o mundo é constituído por realidades múltiplas; adotamos uma visão epistemológica subjetiva, que implica acreditar que os significados são construídos por meio de interações sociais; e, finalmente, assumimos uma visão metodológica naturalista, pois acreditamos que o conhecimento pode ser construído por meio de procedimentos naturalistas.”

Cabe aos professores a compreensão de que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, o que traz a reflexão de que ao receber seus alunos, o professor deve estar preparado para considerar a leitura de mundo que esse aluno tem, como ele vê o mundo que o cerca, como se relaciona com o grupo em que está inserido. Entender a história desse sujeito ajudará a criar estratégias que aprimorem o trabalho com esse alunado e sejam criadas atividades que subsidiem seu desenvolvimento de fato, o que irá refletir na sala de aula regular que o aluno frequenta, e certamente além dos muros da escola.

Considerando assim as palavras de Paulo Freire, há necessidade de se construir um “repertório dos anseios, dos sonhos, dos desejos...” [que constitui] “uma das vantagens de um trabalho assim está em que a própria metodologia da pesquisa a faz pedagógica e conscientizante” (1991, p. 32).

Devemos então ter clareza de que a formação de professores requer a criação e a organização de situações problematizadoras da realidade, levando em consideração os dados de objetividade-subjetividade dos sujeitos e suas circunstâncias.

4 TENSÕES, COBRANÇAS E DESVALORIZAÇÃO PROFISSIONAL

Diante de tanta diversidade, desafios e incertezas, o professor termina por ser um receptor de tensões e cobranças. Deve-se também considerar que seu cenário de atuação torna-se adverso pelos baixos salários e pela desvalorização de sua posição enquanto profissional, onde há falta de estrutura adequada e recursos físicos para a execução de um trabalho melhor do que o que já executa.

De acordo com TARDIF & LESSARD (2011), “o sistema produtivo é o coração da sociedade e das relações sociais”. Então tem-se uma ideia capitalista de que o professor também deve produzir em série, um conjunto de peças como se fossem tijolos empilhados e para um único fim.

Porém esta concepção capitalista traz frustração para o trabalho docente, pois há de se considerar que a ferramenta do trabalho do professor é o ser humano, ferramenta esta que está sempre em construção, portanto algo inacabado.

Ficam então os professores subordinados a esfera produtiva, como se estivessem construindo algo que será acabado e entregue pronto para determinado fim ou utilidade. Ao deparar-se com essa estrutura, o professor sente-se por vezes um elemento de uma cadeia produtiva.



Os docentes ficam então no papel de executores de tarefas e determinações que foram pensadas em uma esfera superior, sem se considerar as especificidades de um trabalho processual, onde o professor não terá um produto acabado para entregar, mas sim um indivíduo inacabado e com caminhos a serem percorridos.

TARDIF & LESSARD (2011), nos faz refletir sobre qual seria o papel do professor diante de uma sociedade que está em constante mudança, e conseqüentemente ocorre a mudança dos valores éticos e existenciais. Os autores nos lembram ainda que a educação está sob pano de fundo da atuação cotidiana entre professores e alunos.

Conseqüentemente toda esse quadro apresentado tem produzido doenças ocupacionais que comprometem a atuação do professor e sua saúde. Hypólito & Grishke (2013, p. 511) nos esclarece que : “Muitas vezes, para alguns autores, a atividade de serviço ou o trabalho imaterial foi caracterizado como trabalho improdutivo por não estar ligado diretamente à produção de bens materiais.”

Considerando o acima mencionado o professor termina não sendo reconhecido profissionalmente por não entregar algo pronto para a sociedade. O que também pode justificar os salários baixos e as condições, muitas vezes, desalentadoras para o desenvolvimento do trabalho docente, com a falta de espaço físico, mobiliário e material pedagógicos adequados.

Todas essas situações contribuem para o mal estar do professor, deixando-o muitas vezes adoecido, o que conseqüentemente influencia de maneira direta seu trabalho, pois não podemos nos esquecer que o currículo oculto é uma constante dentro do espaço escolar, e os próprios alunos terminam por fazer um leitura de um professor desanimado, desmotivado, frustrado e entristecido, o que influencia de forma direta na relação entre esse professor e os alunos .

Paulo Freire nos elucida quando diz que , “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (2007, p. 22)

Considerando toda a complexidade do trabalho docente entendemos então que este profissional necessita ter uma formação inicial e continuada que o instrumentalize a administrar as diversas situações que serão por ele enfrentadas, tanto nas questões pedagógicas quanto nas relações. Sendo assim este docente necessita ter ambiente adequado para desenvolver seu trabalho, com materiais suficientes a suas metodologias, suporte de gestão pedagógica e valorização profissional, para que este sinta-se estabelecido enquanto profissional.



5 CONCLUSÕES

Com o exposto através da revisão bibliográfica percebemos que a complexidade da formação docente perpassa por diversos caminhos. Dentre eles o aglomerado tecnológico que temos diante de uma sociedade globalizada que acessa de forma instantânea informações dos mais diferentes contextos.

Assim este acesso tecnológico chega até a sala de aula, onde o professor deve buscar metodologias que o torne atrativo a seus alunos. Concorrendo com jogos e as mais diferentes mídias temos um docente com uma carga de trabalho imensa, sem as condições ideais para o seu trabalho, aspectos esses que não contribuem com a sua profissionalização.

Com tantos entraves e uma demanda de trabalho crescente o professor tem afetada sua saúde, o que o torna um indivíduo que não consegue atender as demandas de uma sociedade capitalista, que espera produção e um produto pronto, esquecendo-se que o ser humano é algo inacabado e em constante transformação.



REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 09-29.
- BARRETO, Raquel Goulart. “QUE POBREZA?!” EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: LEITURAS. In: *Contrapontos (Eletrônica)*. Vol. 11, n. 3, p. 349-359, 2011.
- BERGMANN, J. C. F. e SILVA, M. da O. O processo reflexivo na formação Inicial de Professores: diários virtuais na Educação a Distância. In: *Revista Diálogos Educacionais*. Curitiba, vol. 13, n. 40, 2013.
- CUNHA, M. I. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. In: CUNHA, M. I. e VEIGA, I. P. A. (Orgs). *Desmistificando a profissionalização do magistério*. Campinas-SP: Papirus, 1999. p. 127-147.
- DINIZ-PEREIRA, J. E. A situação atual dos cursos de licenciatura no Brasil frente à hegemonia da educação mercantil e empresarial. *Revista Eletrônica de Educação*, v.9, n.3, p. 273-280, 2015.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. FREIRE, P. *Política e educação*. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 1993a.
- Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Paz e Terra, 1993b.
- Educação e mudança*. 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São, Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- A educação na cidade*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- HYPOLITO, Á. M.; GRISHKE, P. E. Trabalho imaterial e trabalho docente. *Teoria & Educação*, Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 507-522, set./dez. 2
- ILHA, F. R. D SILVA; HYPÓLITO, A. M. O trabalho docente no início da carreira e sua contribuição para o desenvolvimento profissional do professor. *Práxis Educacional*. V. 10, n. 17, p. 99-114. Jul/dez 2014.
- IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004. Introdução ao capítulo 1: A necessária redefinição da docência como profissão. p. 7-17.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.
- MOREIRA, A. F. B. & KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. In: *Educ. Soc*, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1037 – 1057, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> . Acesso em 09/05/20.
- NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores, In: NOVOA, A. (orgs) *Profissão professor*, Porto Editora, Porto, Portugal, 1992.
- PRETTO, N. L.; PINTO, C. C. Tecnologias e novas educações. *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 31 jan./abr. 2006. 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf>> Acesso em 09/05/20.



TARDIF, M.; LESSARD, C. Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Capítulo 1: O trabalho docente hoje: elementos para um quadro de análise (p. 15-54).

TARDIF, M.; LESSARD, C. Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Conclusão (p. 275-289).

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Revista Brasileira de Educação, ANPED. n. 13, p. 5-24, 2000.

VEIGA, I.P.A. Docência como atividade profissional. In: VEIGA, I.P. A.; DÁVILA, C.M. Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

VEIGA, I. P. A. Professor: tecnólogo do ensino ou agente social?. In: VEIGA, I. P. A. e AMARAL, A. L. (orgs). Formação de professores: políticas e debates, 3ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2006.